

S MODERNOS

D
2120

S

MAIS UMA

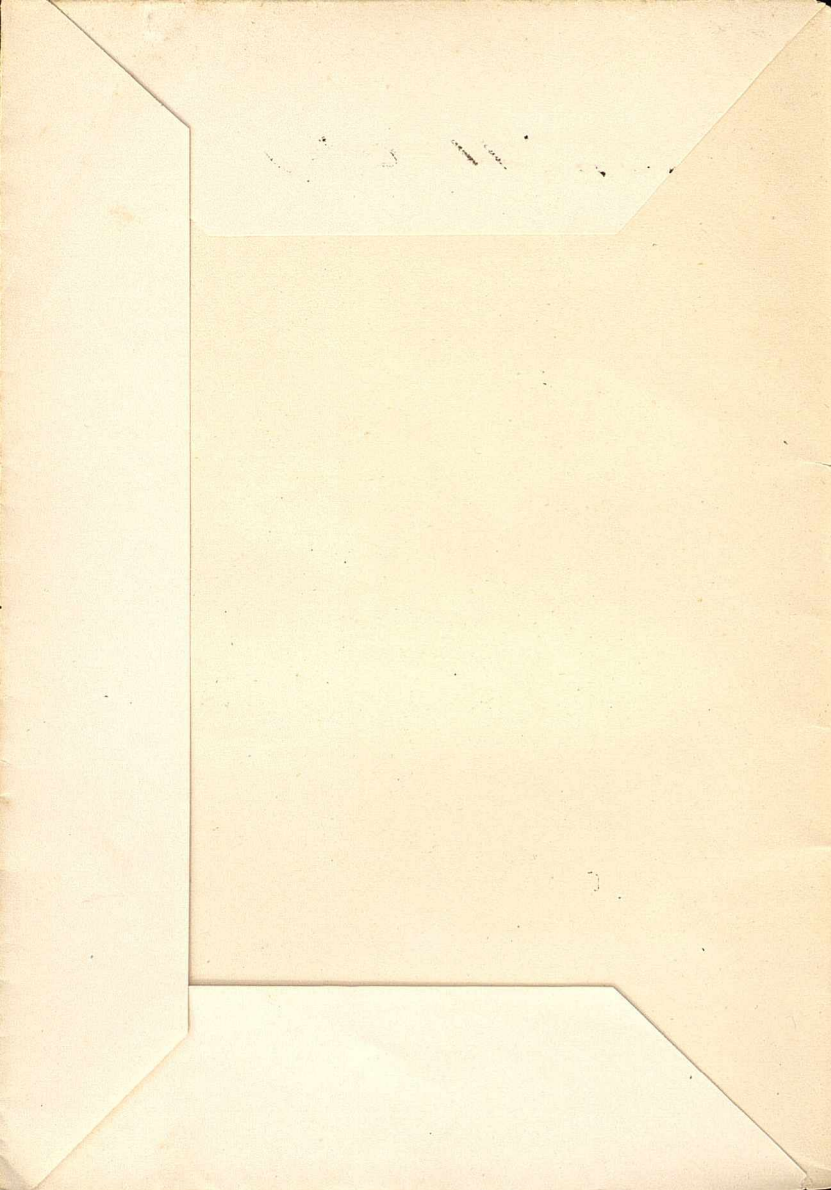
POR

CONDE DE FICALHO

Livr. Guedes

THE NEAL BORNALL PIERCE

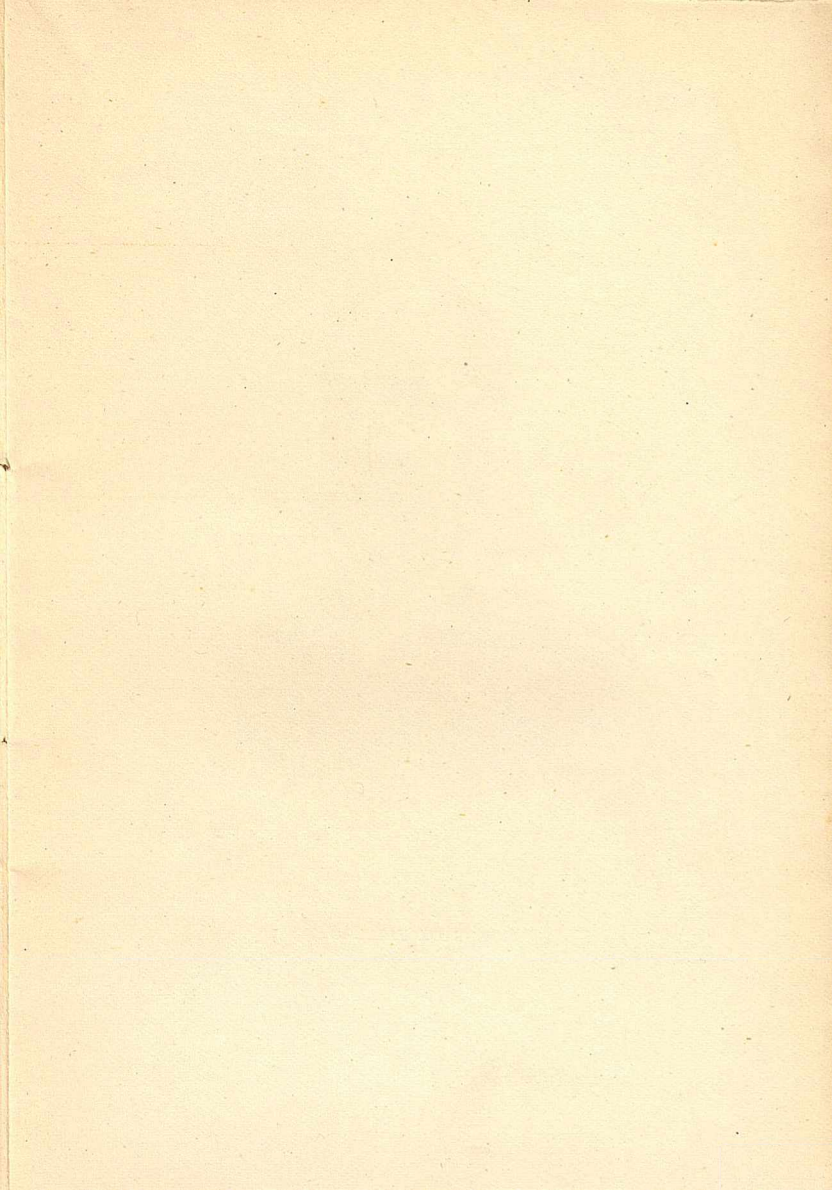


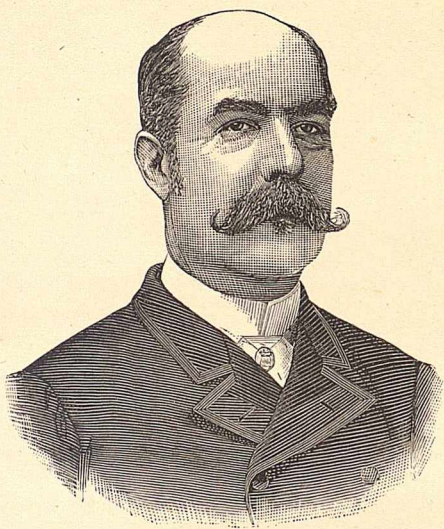


S. G. E. 10-e. 1-M. 11-N. 9

~~S. A. 11-e. 2~~

BIBLIOTHECA PUBLICA
DE
EVORA
REG. A FL. 61 DO LIV. 2





CONDE DE FICALHO

MAIS UMA

CONDE DE FICALHO

MAIS UMA

(Scenas de provincia)



LISBOA

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA

50, Praça dos Restauradores, 56

M DCCC LXXXVI

*Tiragem especial de 30 exemplares
em papel Japão*

MAIS UMA

(Scenas da provincia)

O caminho, trilhado pelos carros sobre as terras lavradas, subia lentamente para a ermida caiada. De vez em quando, via-se lá no alto uma nuvensinha branca, formada no ceu azul; e, instantes depois, ouvia-se estalar um foguete. Aos lados, os campos estendiam-se a perder de vista em ondulações quasi insensíveis, amarellando no tom claro dos restolhos, brutaemente feridos pelo sol de julho, que inundava tudo. Apenas, de longe em longe, algumas oliveiras enfesadas punham sobre o caminho poeirento estreitas nesgas de sombra. E a sombra magra, tenue, caindo da arvore pallida, onde as cigarras entoavam o seu hymno ao calor; a sombrasita leve parecia ainda mais quente do que o resto.

Mas, apezar do calor, a estrada ia já cheia de gente. As moças do povo, muito secias nos seus

lenços novos puxados á testa, nos seus vestidos de chita clara, que faziam parecer mais negras as suas mãos queimadas, caminhavam n'um passo firme, indiferentes á torreira do sol, como quem ceifou na vespera, e ha-de ceifar no dia seguinte.



E, atraz das moças, mais rudes, mais lorpas do que ellas, levados pelo beiço, iam os rapagões de trabalho, afoqueados, quentes tambem por dentro com alguns quartilhos de vinho, os chapéus na nuca, e as largas cintas vermelhas, as mangas brancas das camisas, reluzindo na luz intensa.

Um cocheiro gritou aos grupos, que se affas-

taram, saindo para o restolho, deixando passar a carruagem. Alguns homens levaram a mão ao chapéu, lentamente, de má vontade. Era o caleche do sr. João Cardoso, o rico, que ia á festa ver as moças, com o delegado e o José Carlos da botica.

Atraz da carruagem, no passo mais lento das mullas velhas, vinha agora um carro alemtejano, sem toldo, trazendo dentro um ramilhete de sorrisos frescos, de saias claras e refestelladas, de lenços garridos, azues como a flor do almeirão, escarlates como as papoilas, amarellos como os malmequeres. Todas as cores fortes do meio dia, faiscando na luz meridional. Vinham ali a Josefa Villa Verde, e as duas Lameças, e a Chica Sirgueira, e a Annica do Corro, e, atraz, no peor logar, a Rita Camacha; por que o carro era d'ella, e a rapariga, ufana da sua superioridade, fazia as honras ás amigas.

Eram bonitos de lei, os vinte annos da Rita Camacha. No seu narizito um pouco levantado, e na sua bocca graciosa brilhava um sorriso alegre de creança; mas os cabellos pretos, pesados, e os olhos grandes, de um tom castanho, a que os laivos verdes davam transparencias fundas de agata, modificavam-lhe a expressão, tornando-a mais mulher, infinitamente desejavel. E o que havia de singular n'aquelles olhos da Rita, eram as pestanas negras e bastas, tão negras e tão bastas, que os olhos pareciam pintados, artistica-

mente *feitos* a lapis preto por uma actriz franceza. Mesmo as suas rivaes confessaram depois, que ella ia — muito bem composta; — muito elegante no seu vestido novo, um lenço de seda na cabeça, e outro lenço grande, vermelho e amarello, cruzado sobre os seios já fortes. Direita no carro, segurava-se ao taipal com a mão pequena, apenas queimada; porque a Rita pouco trabalhava no campo. Saía ás vezes á azeitona, quasi por *chic*, para ir com as outras, e mondava na sua ceara; mas aos trabalhos duros, ás ceifas, ao matto, nunca ia. O pae d'ella, o João Camacho, estava bem; tin'ha ricas fazendas; e, com as suas quatro parellas, ganhava muito bom dinheiro nos carretos de trigo para a estação, e para os moinhos da ribeira.

E n'aquella tarde da *Festa das moças*, a Rita ia alegrissima; alegre porque se sentia bonita e bem vestida; porque ia no *seu* carro; porque a deante do carro, n'um rancho de rapazes, ia o Zé Severo, que de dois em dois passos se voltava para a ver.

A chegada do carro ao terreiro da ermida, foi um triumpho. Vinham ali as moças mais elegantes — o beijinho; e apenas as raparigas saltaram para o chão, compondo os lenços, endireitando as pregas das saias, foram arrebatadas para o baile pelos pares que as esperavam.

Ficaram horas no baile, andando á roda n'um passo vagaroso, cantando em côro as *modas* len-

tas, entoadas em terceiras, prolongadas em sonoridades singulares e doces. A cada volta havia um *changez de dames*; e as moças calculavam já de longe quando chegava o namorado. Mas, depois, ficavam sonsas, muito serias, deitando-lhes apenas o rabinho do olho, respondendo levemente á pressão terna das mãos callosas e suadas.

Já tarde, quando a luz horisontal passava roçando nos restolhos ruivos, e a sombra da ermida se alongava sem fim pelo campo queimado, a Rita deixou o baile; e, com a Chica Sirgueira, foi tomar ar, espairecer em volta da ermida. Pararam um momento a ver a villa, em baixo, saindo clara do cinzento terroso dos farrejaes; as casas brancas do arrabalde, rosadas agora na luz do poente; as arvores dos quintaes, recortando-se em pequenas manchas escuras; os ultimos raios do sol, batendo de chapa nos vidros novos do predio alto do Cardoso. Isto interessou-as. — Olha! parece que está a arder, disse uma d'ellas. Mas seguiram, enlaçadas, os braços á roda das cinturas, mascando nos dentes uns raminhos de alecrim, cochichando confidencias amorosas. Na volta, quando passavam deante do adro, o João Cardoso destacou-se de um grupo de ricos, que ali estavam fumando, e veio fallar-lhes:

— Olá, Ritinha! Cada vez mais linda. Que boa que tu estás hoje!

A Rita quiz passar sem responder. Detestava — o bruto do Cardoso. Mas elle atravessou-se

no caminho. Estava ignobil na virilidade sanguinea e bem mantida dos seus quarenta e cinco annos, gordo, o beijo caído, o branco do olho raiado de sangue, as mãos fundamente plantadas nos bolsos das calças, quebradas em pregas velhas. E, cynicamente, sem se importar que a Chica ouvisse:

— Olha lá Rita, em querendo é dizel-o. Ainda que seja uma vez só, has-de andar ahi vestida de sedas, mettendo as outras todas n'um chinello.

Perante a injuria d'aquella offerta bruta de compra, a Rita sentiu-se corar até á raiz do cabello. Os olhos encheram-se-lhe de lagrimas de raiva. Procurou uma resposta, uma palavra com que açoitasse as faces do homem; mas só soube dizer: — Deixe-me passar. E fugiu com a Chica para o baile.

Dançavam *ó meio*. Os moços e as moças, de mãos dadas, formavam uma larga roda, andando mais depressa, cantando n'um rythmo vivo; e dentro cinco ou seis pares polkavam — uma polka especial, pulada, valente, batida no chão pelos sapatos grossos. A Rita viu o Zé Severo, e foi tiral-o, offerendo-se, com os braços abertos. Foram ao meio; e, encostada ao peito do namorado, enlaçada pelo seu braço robusto, pela sua mão dura que lhe magoava as costellas, a rapariga ficou mais contente, instinctivamente protegida pela honestidade rude d'aquelle abraço, vingada do bruto do Cardoso.



Quando a Rita chegou a casa, já depois das nove horas, o pae ainda não recolhera, e a mãe, a Benta, começava a estar inquieta; mas a rapariga tranquillizou-a: — O pae tinha ido com as duas parelhas buscar uma mó á Pedra-furada para a levar ao moinho da Vargem. Eram mais de tres leguas de caminho; e, com uma mó em cima do carro, as parelhas não podiam andar, como se levassem cincoenta alqueires de trigo... primeiro que chegassem á ribeira... que descarregassem a mó... que voltassem. Por ora não tardava.

Tinha-se sentado junto da porta, procurando fresco, esbrazada ainda do dia, o lenço da cabeça desatado, o pescoço humido, vendo, lá fora, uma nesga de campo preto, e, por cima, o ceu estrellado; porque a casa dos Camachos ficava ao sair da villa, mesmo no fim da rua. Dentro, a mãe punha a mesa para a ceia; e, estendendo a toalha, collocando os pratos, perguntou-lhe pela festa — Que estava muito bonita, um *balho* bom, quasi todas as moças da villa, disse a rapariga; mas subitamente, corada, toda raivosa, não se teve mão, que não contasse á mãe o que lhe succedera com o Cardoso. Então a Benta parou, com um prato na mão, indignada:

— Pois elle disse-te isso! Pois, olha, livre-se

elle que teu pae o saiba, que lhe ha-de partir a cara. Não lhe ha-de valer lá o seu dinheiro... ha-de-lhe partir a cara. Ora o condemnado... o alma do diabo...

Estavam tão accesas as duas mulheres, tão entretidas na conversa, que não ouviram, fóra, um passo rapido na areia da estrada; e quando o almocreve, que tinha ido com o João Camacho, entrou a porta, tiveram um sobresalto. O moço vinha alterado, branco, e apenas pôde balbuciar estas palavras:

— Oh! tia Benta não se assuste... foi uma desgraça... uma grande desgraça... mas oh! tia Benta não se assuste.

A mulher escutava immovel, sem perceber, sem perguntar; e a Rita de pé, pallida, as mãos postas, não se atrevia a dizer uma palavra. Então o rapaz explicou confusamente:

— Foi aquella cabra da mulla vermelha que se furtou n'uma sobroda, mesmo já ás quedas da ribeira... o carro voltou-se... e a mó apanhou o tio João, que nunca mais deu acôrdo de si... foi uma grande desgraça... mas oh! tia Benta não se assuste... o tio João talvez esteja melhor, desde o meio do caminho que não geme.

Lá fóra, na noite limpida, serena, estrellada, começava a ouvir-se o andar compassado de homens que traziam um fardo. Uma voz baixa dava instrucções:

— Devagar moços, devagar, com cuidado.

E agora, apparecia entre portas a extremidade de uma escada, segura a deante por dois moleiros, todos brancos de farinha, suados, estafados. Vinham assim, ás varas da escada, desde a ribeira (seis kilometros). Sobre a escada traziam o João Camacho, coberto por uma manta alemtejana, que pendia aos lados, em pregas molles, como o panno de um ataude. De repente, ao vel-o, a Benta levou as duas mãos á cabeça, arrancando o lenço, desgrenhando-se, exclamando :

— Ai! que m'õ mataram.

E sem saber porque, nem contra quem, começou a gritar :

— Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei, que me mataram o meu homem.

Os moleiros entraram cuidadosamente; queriam passar para o quarto interior, mas a porta era estreita, a escada não cabia. Alguem lembrou :

— Tragam d'ahi um colchão.

A Rita, enfiada, allumiava; um dos moleiros foi lá dentro, arrancou o colchão de uma cama, veiu estendel-o na caza de fóra. E, com muitas cautelas, passaram o Camacho para o colchão. Aos gritos da Benta, a casa enchia-se de gente. Toda a visinhança estava ainda levantada, sentada pelas portas n'aquella noite quente de Julho. Ao fundo da casa, os moleiros, tirando o chapéu, passavam os lenços de côr sobre as testas, escorrendo suor. E, em volta do colchão, á roda da Benta que não cessara de gritar, as mulheres

agglomeravam-se, condoídas e curiosas, n'um borborinho de exclamações e de choros. Mas todos ficavam hesitantes, como medrosos, sem se atreverem a tocar no Camacho, absolutamente immovel, aparentemente morto. O regedor, que entrara, indagando o que tinha succedido, foi o primeiro a lembrar:

— É preciso chamar o medico.

— Já lá foi o Zé Russo, correndo, disse um dos rapazes.

Pouco depois, ouvia-se uma voz forte na rua, dizendo:

— Deem licença. Deixem passar; fazem favor.

E o dr. Sousa entrou, sem tirar o seu grande chapéu de abas largas, abrindo os grupos, perguntando:

— Onde está o ferido?

Antes de ouvir a resposta, viu o homem estendido ao meio da casa; e foi rapidamente ajoelhar junto do colchão, dizendo ao acaso para um dos rapazes que ali estavam de pé, aparvalhados n'uma contemplação idiota:

— Dá cá d'ahi essa luz.

E, enquanto o rapaz, tremendo, segurava a candeia, o Sousa debruçou-se sobre o Camacho, rasgou-lhe a camisa ensanguentada, pondo a descoberto o braço esquerdo, partido em duas bandas, e o tronco horripelantemente ferido, como esmagado pela pancada da mó. Fez-se então um grande silencio. A Benta mesma se callara. Todos

estendiam os pescoços; e, sob as abas largas do chapéu, viam-se brilhar os vidros dos oculos fixos do medico, feridos pela luz da candeia. O exame durou pouco, e o Sousa disse alto:

— Não ha nada a fazer; está morto ha perto de uma hora.

Ao levantar-se deu com os olhos no regedor:

— Ah! boas noites sr. Pedreira, não o tinha visto quando entrei. Isto foi um accidente?

— Voltou-se-lhe o carro, segundo dizem.

— Bem, então não sou necessario. Mandem buscar a certidão, que eu lá lh'a encho mesmo em caza.

Quando saía, passou junto da Benta que soluçava, e, mudando de tom, disse-lhe:

— Adeus senhora Benta... coitada... coitada.

E, pondo a mão no hombro da Rita, que ali estava de pé, hirta, pateta:

— Tu rapariga vê se tiras d'aqui tua mãe... Boas noites sr. Pedreira... Deixem passar, fazem favor.

Pouco a pouco, o Pedreira fez sair a gente, ficando apenas com as duas mulheres cinco ou seis vizinhas mais intimas. E no silencio, que agora se estabeleceu na grande casa vazia, houve uma sensação de fim, de se ter acabado tudo na desgraça irreparavel. Acocorada junto do colchão, a Benta lamentava-se alto, amparada por duas vizinhas. A Rita, esquecida, medrosa, foi sentar-se

mais longe n'uma cadeira baixa. Chorava devagarinho. As lagrimas corriam-lhe aos cantos da bocca, com um sabor salgado, levemente amargo, caindo uma a uma, orvalhando o seu brilhante lenço de festa, vermelho e amarello. Não fixava bem as ideias, não tinha a consciencia do que succedia; chorava, abalada pela commoção da scena, pelas lamentações da mãe, pelo terror que lhe inspirava o pae mutilado, estendido n'aquelle colchão branco, que parecia tão funebre, visto á luz mortiça das candeias.

As visinhas começavam já os arranjos, arredando moveis, collocando uma mesa ao fundo. A Gaudencia, que dirigia, consultava as outras em voz muito baixa:

— Fica melhor aqui; não lhe parece, comadre? mais decente.

Abrindo a porta, chamou um dos rapasitos, que estavam lá fóra nos grupos:

— Ouve cá; sabes onde mora o prior?

— Sei sim senhor.

— Então vae lá; e dize á sr.^a Maria dos Remedios, que lhe mando eu pedir — a Anna Gaudencia, percebes? — que lhe mando eu pedir um crucifixo e dois castiças, que é para casa do João Camacho, que morreu.

E, enquanto o rapaz partia, muito inchado pela subita importancia que lhe dava aquella missão de confiança, a Gaudencia voltou para dentro, e, indo junto da Rita, perguntou-lhe baixo:

— Oh! filha, tens uma toalha de rendas?

— Na arca, tia Gaudencia, respondeu a rapariga, por entre as lagrimas.

E ficou quieta, pasmada na sua contemplação inconsciente, seguindo com os olhos a Gaudencia que trastejava, assistindo a todos os preparos tristes da morte, n'aquella promiscuidade da casa pequena, do povo, ás vezes tão dolorosa. Ao lume, aquecia ainda a ceia do João Camacho, e, como a panella levantasse fervura, a Rita ergueu-se machinalmente, foi arredar o texto, espumou a panella e voltou para a cadeira. Sentia-se muito quebrada, da afflicção e da festa. Tinha um esvaimento, um cansaço fundo, até aos ossos, do dia passado no sol ardente; do banho de luz crua, reflectida nos restolhos amarellos e nas paredes caiadas da ermida; das longas voltas em roda, ao som das cantigas arrastadas; dos bailes ao meio, com os rapagões brutos, que lhe apertavam a cintura nas mãos fortes, duras dos cabos das enchadas e das rabiças dos arados. E todas estas imagens, de sol, de lenços claros, de cintas encarnadas, de caras alegres e boças dos pares, lhe dançavam deante dos olhos na casa sombria, onde a Gaudencia continuava os seus funebres arranjos. Voltavam-lhe agora as cantigas; uma *moda nova* muito lenta, ou o estribilho rapido de um baile ao meio, sacudido e alegre:

P'ra matar, matar, matar,
P'ra matar uma *saoidade*...

Mas a Gaudencia, veio dizer-lhe:

— Oh! Rita, não acho os lençoes novos.

Então a rapariga levantou-se, para os ir buscar á casa de dentro; e, ao passar junto do cadaver do pae, as lagrimas rebentaram-lhe de novo, rapidas e quentes. Mas voltou sentar-se; e as imagens da festa voltaram insistentes, n'uma allucinação que a distrahia. Lembrava-se agora de tudo o que tinha succedido; das risadas da Chica e da Anna, no caminho, quando o carro dava solavancos; da scena com o Cardoso, o bruto do Cardoso, atrevido, que lhe vinha offerer vestidos de seda, a ella, uma rapariga honrada a quem ninguem tinha nada que dizer; lembrava-se do seu Zé Severo, alegre, bem vestido, com a cinta escarlata, as mangas da camisa muito brancas. E, sem ser por mal, arrastada pela successão inconsciente das ideias, começava a fazer planos de futuro diante do cadaver do pae. Ia casar com o namorado... a mãe ficava rica... de certo se não oppunha... E, estonteada e chorosa, com as lagrimas ainda humidas nas faces, sorria, parecendo-lhe ouvir a voz valente do Zé Severo a cantar o estribilho:

P'ra matar, matar, matar,
P'ra matar uma *saoidade*.



Na rua, os amigos do Camacho esperavam a hora do enterro, vestidos de briche, cobertos pelos pesados capotes das solemnidades, indifferentes ao calor de Julho. Havia muita gente; o João Camacho era popular, e aquella morte subita, por uma desgraça, fizera impressão. Mesmo, lá mais acima, viam-se alguns grupos de pessoas graúdas da villa, correctas nas suas sobresacas pretas de panno lustroso, nos seus chapéus altos, luzidios, um pouco fóra de moda. Em frente da porta, na nesga de sombra de um muro, o velho escrivão Salgueiro conversava com o Costa da loja, um homem novo na villa, mas que julgara do seu dever vir ao enterro.

— A viuva e a filha ficam muito bem, segundo ouvi, disse o Costa, continuando a conversa.

— Bem! respondeu o Salgueiro, no tom de superioridade de quem conhece todas as cousas por dentro. Bem!! A comadre Benta, coitada, fica a pedir esmola.

— Ora essa! Diz que tinham muito boas fazendas.

— Pois lá isso tem. Tem as courellas do Sesmo, que são boas; tem alguns quatro ou cinco olivaes ás Aguas-quentes; tem...

O Salgueiro interrompeu a ennumeração para accender o cigarro, abrigando o phosphoro nas

mãos magras, muito curvadas, esperando tranquillamente que o enxofre acabasse. E, depois de tirar duas fumaças:

— ... tem perto de vinte milheiros de vinha; mas quê, tudo isto está hypothecado aos Farias.

— Aos Farias, oh! diabo! exclamou o Costa.

— Pois é assim mesmo. O compadre João metteu-se n'uns negocios de trigos e de farinhas que deram cabo d'elle. A comadre Benta não tira das fazendas nem um real; e o mais que ahi tem, a casa, as parelhas, vae-se-lhe embora nas outras dividas. Olhe, só ali ó Chinha da diligencia — e mostrava um gordo, todo vestido de preto, que conversava n'um dos grupos proximos — tem elle uma lettra de tresentos e cincoenta mil réis; fóra o mais. A comadre Benta, coitadita, fica a pedir esmola.

— Pobre mulher! disse o Costa, commovido; e acrescentou: — A filha é uma rica moça.

Mas como o prior descesse a rua, precedido pelo sachristão, o velho Salgueiro apertou cuidadosamente o cigarro entre os dedos amarellos, metteu a ponta apagada na algibeira do collete, e foi tomar o seu logar no acompanhamento.

Tudo quanto o escrivão disse ao Costa da loja era a pura essencia da verdade. Passados poucos dias, a Benta recebeu um recadinho dos Farias, dizendo-lhe: — Que sentiam muito incommodal-a, que lhe não queriam fazer mal; mas que, emfim, necessitavam do seu dinheiro; havia já

tres annos de juro em divida; e, demais, as ordens para a execução estavam dadas mesmo em vida do Camacho. A Benta sabia dos negocios do marido; mas não os conhecia a fundo, em toda a sua realidade desoladora. Este recado consternou-a. Deitou um chaile aos hombros, poz na cabeça o seu lenço de luto de chita preta, e foi consultar o Salgueiro, que era seu compadre de aguas-bentas.

Quando a mulher entrou, o velho escrivão, sentado á mesa profissional, coberta de oleado preto, tendo em volta a classica saia de baetilha verde muito amarellada já do sol, copiava pachorrenitamente uns documentos, fumando um cigarro. E, em volta d'elle, sobre o oleado da mesa, no tinteiro de latão, por entre os papeis, no chão de ladrilho da casa, havia um numero incalculavel de phosphoros de pau ardidós, e de pontinhas velhas de cigarros, fumados até á ultima. Levantou os oculos para a testa, reconheceu a Benta e acolheu-a com um desconsolado:

— Ah! é você, comadre! Já cá a esperava. Sente-se... sente-se.

Mas era difficil saber onde; e elle então ergueu-se, alcanchinado na curva d'aquella vida abancada, tirando de cima de uma cadeira dois registos de tabellião, e o vestido de merino de uma das filhas, orlado em baixo de lama, conseguindo accommodar a mulher. E, antes que ella fallasse, prevenindo-se:

— Olhe, comadre, você vem mal. Eu hei-de-lhe fazer tudo o que poder, absolutamente tudo; mas o meu tudo é quasi nada. Como escrivão estou amarrado ao que me mandam; e como homem, você bem sabe, que o que ahi se ganha nem sempre chega para o pão dos filhos.

A comadre Benta sabia-o muito bem; varias vezes alguns saccos de farinha tinham vindo por emprestimo de casa do Camacho para casa do Salgueiro. Mas ella queria sobretudo um conselho; que a esclarecessem; que dirigissem a sua ignorancia desarmada e fraca. O escrivão explicou-lhe o negocio, attenuando um pouco com dó d'ella; mas, no fundo, dizendo-lhe toda a verdade. E como ella hesitasse, querendo ainda pegar-se a uma esperança, acabou por lhe mostrar esta coisa mysteriosa e temerôsa entre todas; esta coisa que póde ser uma doação, uma quitação, uma escriptura de compra, a fortuna; mas que tantas vezes tambem representa a divida, a penhora imminente, a ruina e a miseria — mostrou-lhe um quaderno de papel almaço azul, sellado, escripto de ponta a ponta, correctamente cozido a linha branca. Do quaderno resultava tim-tim por tim-tim, com todas as fórmulas em direito necessarias, que as courellas do Sesmo, e os olivães, e a vinha estavam irremediavelmente perdidas:

— ... a não ser, comadre, terminou o Salgueiro que tinha seus laivos de erudição sagrada, a não ser que Deus toque no coração dos Farias,

o que me parece muito mais difficil do que curar o paralytico, ou mesmo do que ressuscitar Lazaro.

A viuva não percebeu esta referencia aos Sagrados Evangelhos; nem percebeu as complicações juridicas do negocio; mas ficou sabendo o bastante para sair mais chorosa do que tinha entrado. Não lhe lembrou recorrer directamente aos Farias; tinha a certeza de receber uma resposta doce e inexoravel. Foi bater a outras portas, e por toda a parte encontrou protestos de amisade, affirmações de sympathia condoída, promessas vagas de auxilio, nenhum apoio efficaz. Teve, porém, um offerecimento, que nem esperara, nem sollicitara.

Um dia entrou-lhe em casa a senhora Joaquina da Cruz, magra como um cabide, embrulhada no seu chaile preto, avermelhado pelos soes dos ultimos vinte annos, e que dava a impressão afflictiva de que se ia furar nos hombros, tão fina se havia tornado a sua trama, e tão agudos eram os ossos da mulher. — Vinha ver a senhora Benta. Já devia ter vindo ha muitos dias, se não estivesse tão doente, que se não podia bulir. Mas nem por isso deixara de tomar parte no seu desgosto. Aquella morte do João Camacho tinha-lhe feito lembrar tanto a do seu homem, morto tambem de uma desgraça, succedida no trabalho, — a verdade era, que o matou um castelhano com duas facadas n'uma taverna da feira da Vidigueira — deixando-a sem amparo, uma pobre de Christo.

Ai! ninguem sabia melhor do que ella o que eram desgostos e trabalhos. Por isso não seria ella que abandonasse quem estava na desgraça. Mas tinha a sorte de lhes trazer uma boa noticia. N'aquelle mesmo dia, logo de manhã, tinha-a mandado chamar o sr. João Cardoso...

A este nome, a Rita, que ao fundo da casa embainhava uma saia de luto, levantou a cabeça, escutando com attenção. A Joaquina continuou:

— Ai! que santo homem é o sr. Cardoso. Mandou-me chamar logo de manhã e disse-me; formaes palavras: «Vocemecê, sr.^a Joaquina, ha-de ir a casa das Camachas», assim se diz na ausencia; «quero que ellas saibam, que eu estou prompto a fazer tudo para se não venderem as fazendas. Quatrocentos ou quinhentos mil réis, ou isso que fôr, aqui estão ás suas ordens...»

— Nós ficamos muito agradecidas ao sr. Cardoso..., ia a dizer a Benta.

— Ai! e tem razão, atalhou a Joaquina. Que rico homem! E tão amigo da menina Rita! Elle não vê outra coisa n'este mundo. Nem vocemecê sabe o que elle era capaz de fazer por ella...

Ao ouvir estas palavras a Rita levantou-se de repellão, derrubando a cadeira, dirigindo-se para a porta do quintal. Aquelle gesto violento da filha accordou a Benta, fel-a sabir da sua hesitação. E agora, de pé, excitando-se, reagindo contra as insinuações da mulher, talvez contra as cumplidades vagas do seu pensamento intimo:

— Olhe sr.^a Joaquina, dê-se vocemecê por muito feliz de não estar aqui quem Deus tem; talvez as coisas não acabassem assim. Pode dizer ao sr. Cardoso que estamos muito *agardecidas* ao seu favor; mas que esta casa é uma casa honrada, não está *acostumada* ás visitas de... mulheres do seu officio.

Mas a Joaquina ficou impassivel, encolhendo os hombros, como se decididamente d'esta vez quizesse furar o chaile com as pontas dos ossos. Ergueu-se devagarinho, muito tolhida do rheumatico, dizendo tranquillamente:

— Ai! senhora Benta, vocemecê lá se entende. Cada um sabe de si... E cá a mim não me *descandalisa*; estou muito *aveçada* a receber máos pagos, pelo bem que quero fazer.

Quando a Joaquina saiu, as duas mulheres ficaram silenciosas, embaraçadas. Aquella visita humilhava-as. A velha tocara n'uma questão, que se não discute entre mãe e filha. E, depois, já não tinham a colera desdenhosa com que semanas antes se applaudiam de repellir as offertas do Cardoso. Hoje, na sua recusa havia reticencias. A Benta sentia um remorso subtil de ter cumprido o seu dever. Porque, emfim, aquelle auxilio podia ser a salvação; e... quem sabe, talvez fosse desinteressado. Mas, perdido elle, estava tudo acabado. Desajudadas e sós, n'aquella honestidade que ninguem lhes agradecia, tinham diante de si a miseria. E a Benta fixava triste-

mente os olhos na filha, que ficara na saída para o quintal, de costas voltadas. No quadro luminoso da porta, sobre o azul claro e rosado do



ceu de verão, desenhava-se em negro a figura esbelta da rapariga, com a cabecinha graciosamente pousada sobre os hombros, coroada pela massa dos seus cabellos opulentos. Em volta d'ella bri-

lhava uma aureola de belleza robusta e sã, de mocidade em folha, que j'agora . . . era todo o seu *capital*.

Os dias corriam. As courellas do Sesmo, vendidas em praça, arrematadas pelos Farias, mal tinham dado para a hypotheca. Estava annunciada a venda dos olivae e da vinha. O Chinha da diligencia, na liquidação da lettra e de outras continhas, ficava com os carros e as parelhas. Levava mesmo aquella cabra da mulla lazan, que tinha causado a morte do Camacho. E varias dividas mais pequenas surgiam de todos os lados. O estado entrava tambem no rol dos credores. Nos ultimos tempos, o Camacho, atrapalhado, não pagava nada; e agora appareciam as contribuições, relaxadas, engrossadas pelos tres por cento, e pelos seis por cento, e pelas custas, e por outros seis por cento. Em casa da viuva choviam avisos, mandados, citações, contra-fés — uns papelinhos impressos, cheios depois com hieroglyphos manuscriptos. A mulher não percebia os papelinhos. Nem os hieroglyphos, porque nunca ninguem os percebeu; nem mesmo o impresso, porque não sabia ler. Quando lh'os liam, quando lh'os explicavam, continuava a não perceber. E esta incomprehensão augmentava o seu terror. Sentia pesar sobre si, uma coisa inexplicavel e vaga como a fatalidade antiga. Julgava-se condemnada, perdida — mettida em justiça. Esta palavra *justiça*, tão desviada do seu sentido pri-

mitivo, aterrava-a, tomava para ella a significação de uma grande machina, impessoal e dura, contra a qual é impossivel lutar; de uma engrenagem, que pega nos pobres e nos pequenos, triturando-os, laminando-os, deixando-os sem fato e sem pelle. E, succumbida, aniquilada, sentada na cadeirinha baixa, as mãos no regaço, via as suas coisas partir uma a uma.

A Rita não soffreu tanto. Reagiu com a sua mocidade alegre e descuidosa. Começou a ir regularmente aos trabalhos do campo; e, nas conversas picantes do rancho, nas noites dormidas de um trago, depois do cansaço do dia, quasi não tinha tempo para pensar. Teve porém dois grandes desgostos. Um d'elles foi o abandono do Zé Severo; um abandono gradual, sem crise e sem explicações. Tambem, o Severo não lhe devia nada; era apenas um namorado, que pouco a pouco deixou de rondar a rua, e de se demorar na esquina em descantes nocturnos. A rapariga não gostava muito d'elle; teve mais *ferro* do que pena de ser abandonada; mas teve um grande *ferro*, sobretudo quando uma amiga bem intencionada a veiu prevenir de que o rapaz arrastava agora a aza á Chica Sirgueira.

Mas um desgosto mais fundo do que o abandono do Severo, foi o da venda das suas argolas de oiro. Eram umas argolas grandes, bonitas... muito lindas, que lhe trouxera o pae da feira de Evora. Ninguem as tinha assim na villa, nem as

filhas dos ricos. Já no inverno, depois de vendidas as fazendas e as casas, as Camachas tiveram de vender as argolas, para pagar a renda de uma casita pequena, onde se recolhessem. E a Rita passou uma noite inteira a chorar, solluçando, molhando o travesseirinho com as lagrimas grossas. Gostava muito das suas argolas. Sabia que lhe ficavam bem. Tinha saudades d'aquellas curvas brilhantes do oiro, accompanhando gentilmente as faces, onde, adiante da orelhinha rosada, a pega do cabello forte se esbatia e descia em pennugem fina. Depois, a venda das argolas era o seu sacrificio pessoal. Nunca percebera bem a quem pertenciam as fazendas. Julgava-as da mãe. Mas as argolas eram *suas*. Ao vendel-as sentiu pela primeira vez o toque directo e frio da pobreza. Viu-se, de repente, descer ao nivel das moças mais pobres do rancho, d'aquellas que tinham tombas nas botas, e remendos nas saias.

*
* *

Uma tarde do fim de Janeiro, a Benta, sentada ao lume, vigiando a panella onde ferviam os grãos para a ceia, esperava pela Rita. A chuva caía tesa, repinicando da calçada deserta; apenas alguns moços subiam a rua, voltando da lavoira com as parelhas pela arreata, embrulhados nas mantas, abaixando a cabeça na refrega. Escurecia

já, n'aquelle chegar rapido das noites de inverno, apressado pelo veu cinzento da agua, que encurta os horisontes. E, das portas entreabertas, as candeias, que se accendiam, começavam a pôr linhas de reflexos vermelhos nas pedras lustrosas. Ouviu-se agora um ruido de passos, vozes de raparigas despedindo-se; e a Rita entrou a porta, batendo os pés molhados no ladrilho, inclinando para diante o chapéu, d'onde correu um fio de agua.

— Vens molhada? perguntou-lhe a mãe.

— Encharcada, respondeu a rapariga de mau humor. Leve o *diab'alma* a azeitona, *mail-o* tempo que faz.

E, tirando o chaile dos hombros, deitando o chapéu para cima da arca, veiu sentar-se ao lume. Ficaram calladas. A Rita enxugava-se; levantava as saias até ás ligas, pondo no calor da chamma as pernas finas e robustas, apertadas nas meias de linha azul, d'onde começaram a levantar-se pouco a pouco pequeninas nuvens de vapor. Em frente, a Benta, immovel, olhava para a filha n'uma hesitação; mas, de repente, como quem se decide:

— Sabes quem estive cá hoje?... o sr. João Cardoso.

A Rita ergueu os olhos para ella, e, sem responder, baixou-os lentamente para o lume. Nas brazas via agora o Cardoso tal qual o vira no verão, na *Festa das moças*, gordo, bruto, o beijo

pendente, os olhos injectados. Mas a Benta continuou devagar, embaraçada na sua explicação difficil:

— Passou ahi já depois do meio dia... e entrou. Coitado... elle é bom homem. Diz que lhe dava



lastima ver a gente assim... tu a trabalhares... sem estares costumada. Queria levar a gente *pró* monte d'elle... *prá* Rapozeira. Diz que nos semeava lá a ceara... que nos não havia de faltar cousa nenhuma...

A Rita nunca despregou os olhos das brazas, ouvindo uma a uma as palavras da mãe. Sabia

muito bem o que ellas significavam; sabia-o claramente, na sua sciencia rude e completa de rapariga do campo. Não estranhou que a mãe, a sua propria mãe, lh'as dissesse; já não tinha as indignações promptas e altivas do verão. Estava cansada, muito farta de trabalhar, de molhadelas, de ceias pobres, de grãos duros, mal cósidos com um fio de azeite. Tinha um quebramento de tudo, uma covardia, que lhe ia delindo as repugnancias e os escrupulos.

Mas sentiu dentro de si uma resistentca; toda a sua mocidade intacta e fresca protestando n'um calafrio revoltado dos sentidos. Teve como um apego ao ar, ao sol, ás festas alegres, onde fosse de cabeça levantada. Pareceu-lhe, de repente, melhor o trabalho, o apanho da azeitona nas grandes encostas lavadas de luz, ouvindo os varejadores cantar, em cima das oliveiras. Lembrou-se do Zé Severo, o ingrato que ia casar com a Chica Sirgueira; e de um moço que agora a namorava, um bello mocito, muito pobre, que andava lá no varejo. E ficou alli quieta, callada, fitando as brazas. Instinctivamente olhou para si; para a saia de batido, rota já, toda esfiada em baixo; para as mangas das roupinhas de chita preta, velhas e russas, molhadas ainda, colladas sobre o seu bonito braço redondo, esfumado de finos pellos negros. Viu se então, como estava n'aquelle dia de festa, muito secia, muito bem composta. Teve saudades dos lenços de seda

que lhe iam tão bem; e das suas argolas de oiro, vendidas para pagar a renda da casa. Voltou-lhe de repente a pena das suas argolas — muito lindas; uma pena funda de creança a quem quebraram um bonito, tão funda ainda que lhe trouxe de novo as lagrimas aos olhos. Sabia que os lenços, e as argolas, e mais argolas, e vestidos, e cordões, podiam voltar... o Cardoso era muito rico, e muito generoso.

A velha questão surgia alli diante da rapariga, dançava na chamma oscillante do lume pobre, luzia nas pequeninas brazas vermelhas, brilhantes no branco das cinzas... vender-se. Vender-se para não trabalhar, para comer bem, para ter cousas bonitas, lenços de seda ou diamantes. Sómente a Rita não sabia' o que eram diamantes; e não sabia tambem que a questão era velha, mil vezes debatida em prosa e em verso, que o seu caso era commum, que ella era apenas... mais uma. Nem chegava a estabelecer a questão na sua formula crua — vender-se. Simplesmente a coisa repugnava-lhe. Vinha-lhe agora um terror de andar nas boccas da gente; do que haviam de dizer; de lhe chamarem a amiga do Cardoso.

Recuava diante d'esta palavra... a amiga do Cardoso. Voltavam-lhe os escrupulos de moça honrada. Sentia impulsos de independencia arisca. Não; antes trabalhar; mais valiam os dias chuvosos da azeitona, com o fato repassado na humidade gelada; ou as madrugadas ensonaradas

das ceifas, quando ás duas horas é necessario saltar para o chão, toda quebrada ainda do cansaço da vespera...

Mas depois começou a pensar nas raparigas suas conhecidas, que viviam bem, nas tolerancias complacentes da provincia. Na Zabel Carrasca que estava com o sr. Fernandes, muito á sua vontade, na sua casa. E todos a comprimentavam, todos lhe tiravam o chapéu. Até, as semanas passadas, a tinham ido convidar para madrinha de um casamento. Na Joanna Guerreira que estava com o doutor Carvalho, um homem casado, e já velho. Justamente, na ante vespera, recolhendo mais cedo da azeitona, tinha encontrado a Joanna Guerreira, que voltava do Freixial — a horta do Carvalho. Vinha muito bonita, no seu chaile de lã preta fina, um lenço de seda azul na cabeça, acompanhada pela sua moça, que lhe trazia um cesto de tangerinas. As raparigas do rancho foram-lhe fallar, familiares, respeitossas quasi, vendo-a tão senhora, com a sua creada.

Pouco a pouco tranquillisava-se. Architectava uma moralsinha practica, errada e facil, feita de maos exemplos. — Era tola! Que lhe haviam de dizer a ella? Nada! Isso era bom para as desgraçadas, como a Gertrudes, que tinha arranjado um filho com um guarda. Mas ella, era differente. Ia para casa do sr. Cardoso, dez vezes mais rico do que o Fernandes, vinte vezes mais rico do que o Carvalho. Ia viver no seu monte, com as suas crea-

das, como uma lavradora. Quando viesse á villa, havia de vir no seu carro, muito bem vestida. Talvez encontrasse então a Chica Sirgueira, casada com o Zé Severo, um almocreve, que afinal não passava de um creado de servir. Esta ideia de humilhar a Chica fel-a sorrir para o lume, descobrindo os dentes brancos, em que as brazas pozeram uns reflexosinhos vermelhos, côr de sangue.

Pela primeira vez, levantou os olhos e encarou a mãe. Viu-a curvada sobre o lume, rapidamente envelhecida, como apatetada pelos desgostos. E foi ella, a rapariga, quem quebrou o silencio pesado :

— E vocemecê, mãe, que lhe disse ao sr. Cardoso?

A velha pareceu acordar, sem perceber a principio; mas depois :

— Que lhe *havera* eu de dizer... nada. Elle diz que passava ahi amanhã.

Então a Rita, lentamente, decidida :

— Pois diga-lhe que sim.



Pessôas que honram esta publicação
com a sua assignatura

- S. M. a Rainha.
S. M. El-Rei.
S. A. a Princeza Real.
S. A. o Príncipe Real.
S. A. o Sr. Infante D. Affonso.

e os ill.mos e ex.mos srs.

Duqueza d'Avila e de Bolama,
Duqueza de Palmella,
Marqueza da Fronteira e Alorna,
Marqueza das Minas,
Marqueza Oldoini,
Marqueza de Pomares,
Condessa de Burnay,
Condessa de Sabugal,
Conde do Bracial,
Conde do Côvo,
Conde de Ficalho,
Conde de Franco,
Conde das Galveias,
Conde de Gouveia,
Conde de Mossamedes,
Conde de Paço do Lumiar,
Conde de Sabugosa,
Conde de S. Mamede,
Conde de Sobral,

Conde de Thomar,
Conde de Valbom,
Conde de Villa Real,
Visconde de Alvellos,
Visconde d'Amoreira da Torre,
Visconde de Benalcanfôr,
Visconde de Carcavellos,
Visconde de Correia Botelho,
Visconde das Laranjeiras,
Visconde de Monsaraz,
Visconde dos Oliveas,
Visconde de Rio Vez,
Visconde de Seabra,
Visconde de Taveiro,
Amelia Leopoldina Teixeira Bastos (D.),
Amelia Santhiago (D.),
Clotilde de Carvalho (D.),
Emilia Flores Santos Rodrigues, (D.),
Guiomar Torrezão (D.),
Helena de Mello (D.),
Luiza Eduarda Nunes Barata (D.),
Margarida Candida da Costa Palhinha (D.),
Maria Amalia Vaz de Carvalho (D.),
Maria da Conceição Rodrigues Carvalho (D.),
Maria do Espirito Santo (D.),
Maria José d'Almeida Ferreira (D.),
Maria de S. Francisco Xavier da Cunha e
Sousa Pinto Cardoso (D.),
Sebastiana Ribeiro de Sá (D.),
A. A. C. Alves,
Aarão de Faria,
Abilio H. Barata Diniz,
Accacio Bartholomeu da Silva Flôres,
Adelino Mendes de Figueiredo,
Adolpho Pinheiro Osorio Martins,
Affonso Vasques,
Agostinho d'Abranches Teixeira F. Viegas,
Alberto Lacerda,

Alberto Leite,
Alberto Lopes Pacheco,
Albino Montenegro,
Aleixo Cesario de Sousa Ferreira (Dr.),
Alfredo d'Amorim Pessoa,
Alfredo de Castro,
Alfredo May d'Oliveira,
Alfredo Motta (Dr.),
Alvaro de Castellões,
Alexandre de Castilho,
Annibal Guedes,
Annibal Ribeiro de Mattos Viegas,
Anthero do Quental,
Antonio Alves de Sousa,
Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (Dr.),
Antonio Augusto Ferreira da Silva,
Antonio Ayela Sanchez,
Antonio Caetano Vianna,
Antonio Candido,
Antonio Cesar da Costa,
Antonio Coimbra,
Antonio Diogo da Silva Junior,
Antonio Fernandes Coelho,
Antonio Florencio dos Santos,
Antonio Girão,
Antonio José d'Avila,
Antonio José Carmo Borges (Dr.),
Antonio José de Carvalho Borges,
Antonio Januario Magalhães Mendonça,
Antonio Lopes Mendes,
Antonio Luiz Fernandes,
Antonio M. Dias Mazzioti,
Antonio Mamede,
Antonio Maria Barbosa,
Antonio Maria Peixoto Vieira,
Antonio Maria da Silva Costa Manes,
Antonio Maria de Sousa Nunes,
Antonio Maximo Lopes de Carvalho,

Antonio Montenegro,
Antonio Montenegro & C.^a,
Antonio Pinto,
Antonio Ribeiro Liz,
Antonio Rodrigo Tocha,
Antonio Silveira Lemos,
Antonio Venancio d'Oliveira David (Dr.),
Antonio Vieira de Tovar Magalhães e Albuquerque,
Antonio Waddington,
Armando Odone Pereira Brandão,
Arnaldo Van-Zeller,
Arthur Magalhães,
Augusto Alfredo de Mattos Chaves (Dr.),
Augusto Emilio Bredo de Mello,
Augusto Forjaz,
Bazilio de Castello Branco,
Benjamim Bazaglo,
Bernardino Machado,
Bernardo de Lencastre,
Bernardo Pindella,
Bolhão Pato,
C. A. Soares Cardozo,
C. Garcia,
Carlos Carvalho,
Carlos Maria Eugenio d'Almeida,
Carlos Relvas,
Cassiano Augusto Pessoa d'Amorim,
Diniz Moreira da Motta,
Dyonisio de Carvalho,
E. de Barros e Sá,
Eça de Queiroz,
Eduardo d'Abreu (Dr.),
Eduardo Augusto da Silva,
Eduardo Moreira Marques,
Egydio Teixeira,
Emilio Flores Santos Rodrigues,
Emilio Rosa,

Emygdio Navarro,
Ernesto de Carvalho,
Estevão de Sousa,
Ezequiel de Soveral,
F. C. da Cunha Rego,
Feliciano da Silva Gião,
Fernando d'Almeida Noronha (D.),
Ferrer Farol,
Filippe França,
Francisco Alexandre de Vilhena,
Francisco Antonio Palma de Vilhena,
Francisco Avelino N. de Carvalho,
Francisco Fiusa Guião,
Francisco Julio de Sousa Pinto (Dr.),
Francisco Ribeiro da Cunha,
Francisco Silvestre,
Francisco Teixeira de Castro Magalhães y Do-
minguez,
Francisco Torres Pereira,
Freire,
Gaspar José d'Abreu,
Gaspar Leite,
Graciano Franco Monteiro,
Greenfield de Mello,
Henrique Fradesso de Salazar Morcoso,
Henrique Pinto da Cunha,
Henrique Rouffe,
Henrique Vaz d'Andrade Basto Ferreira,
Hermenegildo Candido Dias,
Isidoro Cotter d'Oliveira e Andrade,
Jacintho Pereira Lança (Dr.),
Januario Raphael de Miranda,
J. M. dos Passos Valente,
João Antonio Guimarães Pedroso,
João Augusto da Costa,
João Candido da Silva Junior,
João Franco Castello Franco,
João Gaspar d'Oliveira,

João Jacintho da Silva Correia,
João de Mello Vianna (Dr.),
João Pedro Gomes Carraga,
João Pereira Teixeira de Vasconcellos,
João Rosa,
João Sacramento Monteiro,
João de Sauz y Zuniga,
João Xavier da Fonseca Junior (Dr.),
Joaquim da Graça Correia Lança,
Joaquim Jardim,
Joaquim José da Guerra Carneiro (Dr.),
Joaquim Lobo d'Avilla da Graça,
Joaquim Maria de Castro,
Joaquim de Mattos Chaves,
Joaquim Padinha,
Joaquim Pereira de Carvalho,
Joaquim dos Santos Cordeiro,
Joaquim Tamagnino de Carvalho Barbosa,
Joaquim Ventura Pereira,
Jorge O'Neil,
José d'Almeida Gião,
José Antonio da Costa Pinheiro,
José Antonio da Silva,
José Baptista d'Oliveira (Dr.),
José Bento Correia,
José Carlos Lagrange,
José Carlos Sasseti,
José Carvalhaes,
José Castello Branco,
José de Castro,
José Correia Menezes (Dr.),
José da Cunha Abreu Peixoto,
José da Cunha Lima,
José Dias da Silva (Dr.),
José Estevão,
José Francisco da Costa Heitor,
José Ignacio Dias da Silva,
José Jacintho da Cunha Rivara,

José Joaquim Pereira Mendes Gil,
José Julio d'Oliveira Baptista (Dr.),
José Lima Ferreira Machado,
José Luciano de Castro,
José Maria d'Almeida,
José Maria Bacellar,
José Maria de Lacerda,
José Maria de Miranda,
José Maria dos Santos Barreiros,
José Maria de Sousa Machado,
José Maria de Sousa Mattos,
José de Mello Amorim,
José Monteiro da Silva,
José Nunes Teixeira,
José Pessanha (D.),
José Pedro da Costa,
José Rodrigues Lopes de Mendonça e Mattos,
José da Silveira Vianna,
José de Sousa Bagorro,
Julio Cesar Cordeiro Lima,
Julio Cesar Machado,
Julio Guerra,
Julio da Monta e Vasconcellos,
Livraria Afra,
Livraria Bertrand,
Livraria Cruz & C.^a,
Livraria Ferreira,
Livraria Nacional e Estrangeira,
Livraria Pereira,
Luiz Jardim (Dr.),
Luiz Machado Castello Branco (D.),
Luiz de Magalhães,
Luiz Maria da Silva (Dr.),
Luiz de Mascarenhas (D.),
Luiz Osorio,
Manuel Carneiro,
Manuel Fernando Francisco Mendes,
Manuel Francisco da Veiga,

Manuel J. de Paula Guimarães,
Manuel Joaquim da Silva Menezes Junior,
Manuel d'Oliveira Lima,
Matheus Augusto Ribeiro de Sampaio,
Mayr Buzaglo,
Mendo d'Ornellas,
Miguel Augusto de Faria Mascarenhas,
Miguel Braga,
Miguel Dantas Gonçalves Pereira,
Miguel do Olival Gouveia,
Miguel Osorio Cabral de Castro,
Pedro Augusto do Couto Zagallo (Dr.),
Pedro Carlos Teixeira de Carvalho Sampaio,
Pedro Ferreira Dias Bandeira,
Ramalho Ortigão,
Rebello da Silva (Dr.)
Rodrigo Pereira Felício,
Sebastião da Silva Leal,
Severino de Carvalho,
Silverio da Silva da Fonseca Pereira,
Teixeira de Queiroz,
Thomaz de Carvalho,
Thomaz Victorino Gonçalves,
Tiburcio de Vasconcellós,
Vasco de Serpa Pimentel (D.),
Vicente de Castro Guimarães,
Victor da Silva Lisboa,
Victor Manuel da Conceição Barranco,
Villaça,
Vincolas Bellas.

No proximo numero serão publicados os nomes das pessoas que forem assignando

JÁ PUBLICADO :

I — AMORES Á BEIRA-MAR, por Alberto Braga.

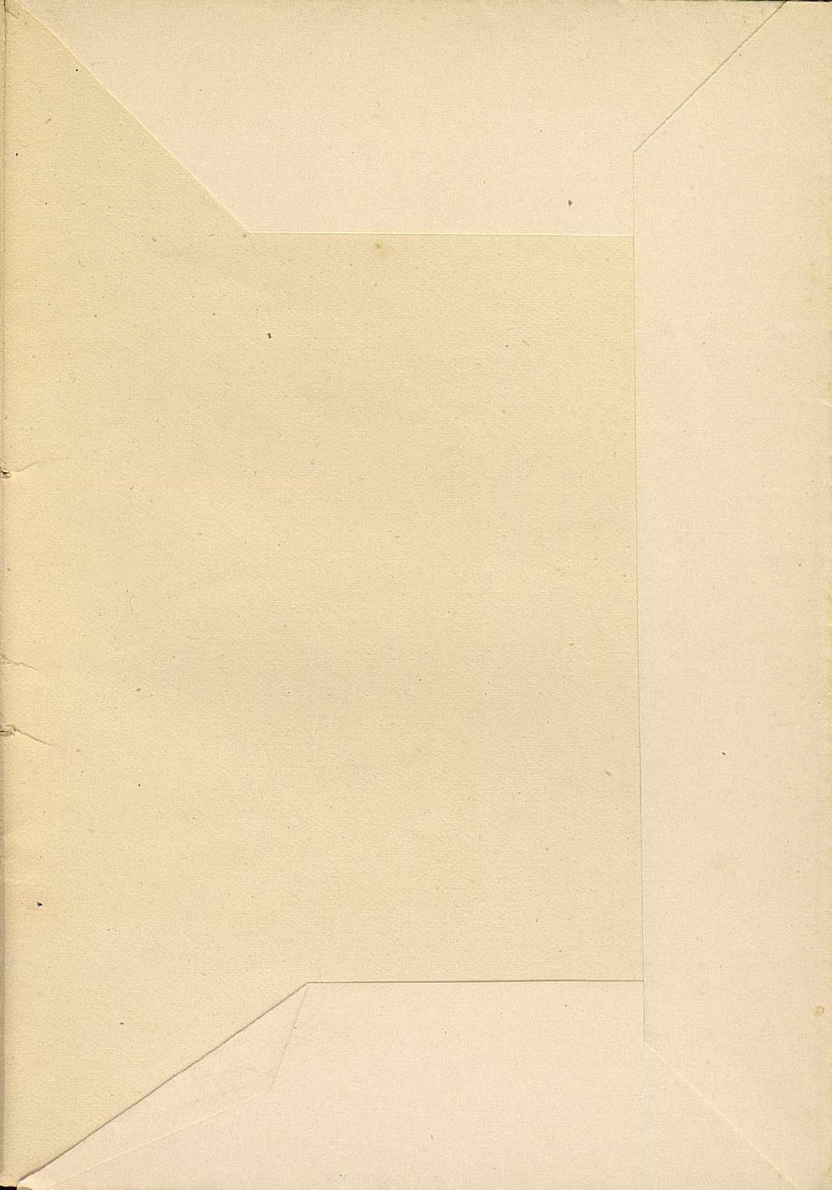
NO PRELO

NA GUELLA DO LEÃO, pelo Conde de Sabugosa.











PUBLICAÇÃO MENSAL

PREÇOS:

(POR ASSIGNATURA)

Em papel Japão 1\$000 réis cada vol.

Em papel inglez..... 250 " " "

AVULSO

Em papel inglez..... 300 réis



EMPRESA EDITORA

Atelier de gravura

210 — RUA DO OURO — 210

